

“Até os animais escutaram a palavra sagrada.”

Vida do anacoreta Serafim

I

Meu pai era um investigador conhecido no seu tempo. Confiavam-lhe muitos casos importantes, e por isso ele ausentava-se frequentemente da família; em casa, ficávamos a minha mãe, eu e uma criada.

A minha mãezinha era ainda jovem, e eu menino pequeno.

À época do caso que vos quero contar, eu tinha apenas cinco anos.

Era um inverno atroz. O frio era tanto, que à noite, nos estábulos as ovelhas morriam, e pardais e gralhas caíam hirtos sobre a terra congelada. A essa altura, o meu pai encontrava-se, por necessidade de serviço, em Ieléts¹ e não prometia voltar a casa nem para o dia de Natal, e por isso mamãe tencionava ir reunir-se a ele para não deixá-lo sozinho nesse lindo e jubiloso feriado. Por causa do frio terrível, ela não me incluiu na sua longa viagem e deixou-me em casa da irmã, uma minha tia casada com um senhor de terras de Oriol,²

¹ Cidade surgida de uma fortificação militar, por volta do ano de 1146. Fica a 300 quilômetros a sudeste de Moscou. (N. do T.)

² Cidade fundada em 1566 e localizada a 380 quilômetros a sudoeste de Moscou. Deve o seu nome ao fato de localizar-se no ponto em que o rio Oriol desemboca no rio Oká. (N. do T.)

homem de triste fama. Ele era muito rico, velho e cruel. No seu caráter, predominavam a perversidade e a inexorabilidade, e ele não deplorava isso nem um pouquinho, ao contrário, até fazia gala dessas qualidades, que, na sua opinião, como que serviam de expressão de força máscula e dureza inquebrantável de espírito.

Essa mesma virilidade e dureza ele esforçava-se por cultivá-las nos filhos, um dos quais era meu coetâneo.

Todos temiam o meu tio, e eu mais do que todos, porque ele queria "cultivar a virilidade" também em mim, e, certa vez, quando eu tinha três anos, durante uma tempestade medonha, ele me colocou sozinho no terraço, a mim, que tanto tinha medo dos temporais, e trancou a porta, para com essa lição tirar o medo que eu sentia durante as tempestades.

Compreende-se que eu era de mau grado hóspede de tal anfitrião, e com bastante medo, mas eu, repito-o, tinha somente cinco anos, e os meus desejos não eram tomados em conta na consideração das circunstâncias a que me teria de sujeitar.

II

Na propriedade do meu tio, havia uma enorme casa de pedra, parecida com um castelo. Era uma edificação pretensiosa mas feia e até monstruosa, com uma cúpula redonda e uma torre, da qual se contavam grandes terribilidades. Nela, vivera o pai louco do então senhor de terras; depois, nas suas dependências, instalaram uma farmácia. Isso também, por alguma razão, se considerava terrível; mas o mais terrível era que, no alto dessa torre, numa janela vazia, curva, haviam sido distendidas cordas, isto é, fizera-se uma harpa eólica. Quando o vento perpassava pelas cordas desse voluntarioso instrumento, elas emitiam sons tão inesperados quanto fre-

quentemente estranhos, que iam de um ronco grosso baixo a gemidos desarticulados inquietos e um frenético zunido, como se por elas passasse voando uma turba inteira de espíritos perseguidos e transtornados por algum terror. Em casa, ninguém gostava dessa harpa e todos achavam que ela dizia alguma coisa ao temível proprietário e que ele não ousava retrucar-lhe, mas tornava-se, por isso até, ainda mais desalmado e cruel... Já se notara inquestionavelmente que, se a altas horas da noite se desencadeava uma tempestade e a harpa da torre zumbia de tal modo que os sons chegassem, através dos tanques e parques, à aldeia, então o patrão nessa noite não dormia e pela manhã levantava-se sombrio e ríspido e dava alguma ordem cruel, que fazia tremer os corações de todos os seus muitos servos.

Nos usos e costumes da casa, estava estabelecido que nenhuma culpa se devia desculpar a ninguém e nunca. Era uma regra que não mudava jamais, não apenas para as pessoas, mas também para os animais, do mais feroz ao mais miúdo. O meu tio não queria saber de misericórdia e não gostava dela, já que a julgava fraqueza. A severidade irreduzível parecia-lhe superior a toda e qualquer condescendência. Por isso, na sua casa e em todas as grandes aldeias pertencentes a esse rico senhor de terras, reinava sempre uma tristeza desalentadora, que até os animais compartilhavam.

III

O meu falecido tio era um amante ardoroso de caçadas com cães. Saía com galgos à caça de lobos, lebres e raposas. Além disso, levava para a caçada cães especiais, que apanhavam ursos. Tais cães chamavam-se "sanguessugas". Eles feravam os dentes na fera dum jeito que era impossível arrancá-los dela. Às vezes, um urso em que uma sanguessuga hou-

vesse gravado os dentes matava-a com um golpe da sua ter-
rível pata ou lhe arrancava metade do corpo, mas jamais
acontecia uma sanguessuga desprender-se viva da fera.

Hoje em dia, quando se caçam ursos apenas em batidas
ou com chuços, a linhagem dos cães sanguessugas, parece,
está já extinta na Rússia; mas, nos tempos de que falo, eles
entravam em toda e qualquer caçada grande, bem organiza-
da. Havia muitos ursos, então, pelas nossas terras, e a sua
caçada era um grande prazer.

Quando acontecia a tomada de um covil inteiro de ur-
sos, os caçadores tiravam os ursos da toca e levavam-nos
para casa. Normalmente, mantinham-nos num telheiro gran-
de, de pedra, com janelinhas rasgadas bem embaixo do te-
lhado. Eram janelas sem vidros, apenas com grossas grades
de ferro. Os ursosinhos costumavam trepar a custo até elas,
formando uma escada ursana, e ficavam pendurados, agar-
rados ao ferro com as suas patas tenazes, de garras afiadas.
Era unicamente desse modo que eles podiam espiar da sua
reclusão o livre mundo de Deus.

Quando nos levavam a passear antes do almoço, nós
gostávamos mais do que qualquer outra coisa de ir a esse
telheiro e olhar para as carinhas engraçadas dos ursosinhos,
expostas atrás das grades. O preceptor alemão Kolberg in-
ventara um jeito de, na ponta de uma vara, chegar-lhes pe-
daços de pão, de que nos abastecíamos, para tal fim, no des-
jejum.

Dos ursos cuidava e alimentava-os o seu jovem adestra-
dor, de nome Ferapont; mas como esse nome era difícil para
a pronúncia do vulgo, então diziam “Khrapon” ou, mais
comumente, “Khrapochka”. Eu me lembro dele muito bem:
Khrapochka era de estatura mediana, um rapaz muito ágil,
forte e corajoso de uns vinte e cinco anos. Era considerado
bem servido pela beleza: de pele bem branca, corado, com
madeixas de cabelo preto e grandes olhos saltados, também

pretos. Além do mais, era extraordinariamente corajoso. Ti-
nha uma irmã, Annuchka, ajudante das aias, e ela contava-
nos coisas interessantíssimas acerca da coragem do seu ou-
sado irmão e acerca da sua insólita amizade com os ursos,
com os quais ele dormia no telheiro, no inverno e no verão,
e como eles o rodeavam de todos os lados e punham sobre
ele as cabeças, fazendo-o de almofada.

Diante da casa do meu tio, além de um canteiro de flo-
res, cercado por uma grade com ornatos, havia amplos por-
tões, e de frente para estes, no meio do majoço de flores, es-
tava fincado um tronco alto, reto e de superfície bem alisa-
da, a que chamavam “mastro”. No seu topo, fora colocado
um pequeno estrado ou, como lhe chamavam, “caraman-
cháozinho”.

Dentre os ursos cativos, escolhia-se um “inteligente”, o
que se mostrava mais esperto e de caráter mais confiável. Ele
era separado dos companheiros e passava a viver solto, isto
é, era-lhe permitido andar pelo terreiro e pelo parque, mas
devia, principalmente, ocupar o posto de guarda ao pé do
tronco, à frente dos portões. Era ali que ele passava a maior
parte do seu tempo: ou ficava deitado sobre a palha, bem
junto ao mastro, ou, ainda, trepava por ele até ao “caraman-
cháozinho” e ficava sentado nele ou também dormia, para não ser
incomodado nem pelas pessoas importunas, nem pelos cães.

Viver essa vida livre não era dado a todos os ursos, mas
apenas aos especialmente inteligentes e dóceis, e ainda assim
não por toda a vida, apenas enquanto não manifestassem as
suas tendências de animal feroz, inconvenientes no convívio
com outros seres, isto é, enquanto se comportassem pacifica-
mente e não atacassem nem as galinhas, nem os gansos, nem
os bezerros, nem as pessoas.

O urso que perturbasse a tranquilidade dos moradores
era imediatamente condenado à morte, e dessa sentença nada
o conseguia livrar.

IV

Escolher o "urso inteligente" cabia a Khrapon. Já que era ele quem mais tinha convivência com os jovens ursos e era considerado um grande conhecedor da sua natureza, era compreensível que somente ele pudesse fazê-lo. O mesmo Khrapon também responderia por qualquer eventual escolha errada, mas desde a primeira vez ele escolhera para esse papel um urso admiravelmente capaz e inteligente, ao qual dera-se um nome inusitado: os ursos, na Rússia, em geral recebem o nome de "Mlicka",³ ao passo que este levava um nome especial: "Sganarel". Ele vivera já cinco anos à solta e não fizera ainda nenhuma "travessura". Quando de um urso se dizia que "estava a fazer travessuras", isso significava que manifestara já a sua natureza feroz com algum ataque.

Então, o "travesso" era colocado por algum tempo numa cova, aberta em grande clareira, entre uma eira coberta e a floresta, e, depois de algum tempo, deixavam-no sair (ele próprio saía, por um tronco) e ali, na clareira, açulavam-lhe "sanguessugas jovens" (isto é, filhotes já crescidos de cães de caça a ursos). Quando os filhotes não conseguiam dominá-lo e havia o perigo de o urso fugir para o mato, então os dois melhores caçadores, que a tudo acompanhavam de um esconderijo secreto, atiravam-se sobre ele com matilhas seletas, e aí a coisa terminava.

Já se tais cães eram tão inábeis que o urso pudesse romper para uma "ilha" (isto é, para o mato), que se unisse com a vasta floresta baixa e pantanosa da região de Briansk, então adiantava-se um atirador especial, com um longo e pesado

³ Diminutivo do nome próprio Mikhail, equivalente a Miguel. O urso é o animal símbolo da Rússia. (N. do T.)

fuzil de caça Kouchenhoeter, e, fazendo mira com o cano apoiado num suporte em forquilha, destinava ao urso a bala mortal.

Que um urso houvesse alguma vez escapado a todos esses perigos, tal coisa ainda nunca se dera, e era terrível até pensar nessa possibilidade: a todos os culpados aguardava um castigo de morte.

V

A inteligência e a seriedade de Sganarel fizeram que não houvesse o passatempo descrito nem nenhuma execução de urso durante cinco anos inteiros. Durante esse tempo, Sganarel cresceu e tornou-se um grande, *robusto* animal, de forma, beleza e agilidade extraordinárias. Ele distinguia-se pelo focinho arredondado, curto, e pelo porte bastante elegante, pelo qual lembrava mais um grifo⁴ ou um cão-d'água gigan-tesco do que um urso. O seu traseiro era um tanto seco e coberto de uma pelagem curta lustrosa, mas os ombros e o lombo eram robustamente desenvolvidos e cobertos de uma vegetação comprida e felpuda. Sganarel era inteligente como um cão-d'água e fazia algumas coisas notáveis para uma fera do seu tipo: por exemplo, andava maravilhosamente bem e com facilidade sobre as duas patas traseiras, movendo-se para a frente e para trás, sabia tocar tambor, marchava carregando um longo pedaço de pau, pintado à moda de fuzil, bem como de bom grado e até com grande satisfação levava os mais pesados sacos para o moínho, em companhia dos mujiques, e com especial galantaria, e de modo engraçadíssimo, punha na cabeça o chapéu alto pontiagudo dos camponeses.

⁴ Raça de cães pequenos e peludos. (N. do T.)

enfiteado com uma pena de pavão ou tufo de palha à moda de penacho.

Mas chegou o dia fatídico, e a natureza de fera desperdou em Sganarel. Pouco antes da minha chegada à casa do meu tio, o calmo Sganarel caíra de repente em várias faltas de uma vez, e uma mais grave do que a outra.

O programa das ações criminosas de Sganarel era o mesmo de todos os outros: primeiro, ele pegara um ganso e arrancara-lhe uma asa; depois, deitara a pata ao lombo de um porro que corria atrás da mãe e partira-lhe a espinha; por fim, não gostara de um cego e do seu guia e pusera-se a fazê-los rolar pela neve, e, ademais, quase lhes esmagara as mãos e os pés a pisadas.

O cego e o guia foram levados para um hospital, ao passo que Khrapon recebeu ordem de levar Sganarel para a cova, de onde só se saía *para a execução*...

Anna, despindo, à noite, a mim e ao meu primo, tão pequeno então quanto eu, contou que à partida de Sganarel para a cova, na qual devia aguardar a pena capital, haviam ocorrido grandes comovências. Khrapon não lhe furara o beijo com argola e não usara contra ele nem da menor violência, e apenas lhe dissera:

— Ven comigo, bicho feroz.

O urso levantou-se e acompanhou-o, e o que era engracado: pegou o seu chapéu com penacho de palha e percorreu todo o caminho até ao fosso abraçado a Khrapon, como se fossem dois amigos.

E eles eram realmente amigos.

VI

Khrapon sentia muita pena de Sganarel, mas não pôde ajudá-lo de nenhuma maneira. Lembro-vos que, onde isso

correu, não se perdoava nenhuma culpa a ninguém, e o culpado Sganarel devia sem falta pagar pelos seus entusiasmos com uma morte atroz.

O seu martírio foi marcado como distração pós-almoço para os hóspedes que costumavam ir à casa do meu tio pelo Natal. A ordem para isso fora dada numa caçada, à mesma hora em que haviam mandado Khrapon levar Sganarel para o fosso.

VIII

Meter os ursos no fosso era bastante simples. O alçapão era, normalmente, coberto com ramos secos e leves, deitados sobre varas frágeis, e por sobre essa cobertura espalhava-se neve. Ficava tudo tão camuflado, que o urso não conseguia notar a armadilha traiçoeira para ele preparada. Conduziam o submisso animal até a esse lugar e obrigavam-no a seguir em frente. Ele dava um passo ou dois e desabava no profundo fojo, de onde não havia nenhuma possibilidade de sair. O urso ali ficava até à chegada da hora do encontro com os cães. Então, deitava-se no buraco, em posição inclinada, um tronco comprido, de uns sete *archins*⁵ e por ele o urso vinha para fora. Em seguida, soltavam-se os cães sobre ele. No caso de o sagaz animal, havendo pressentido a desgraça, não querer sair, obrigavam-no com agulhadas a fazê-lo, atiravam palha em chamas ou atiravam nele de fuzis e pistolas carregados com balas de festim.

Khrapon levou Sganarel para o fosso e prendeu-o ali dessa maneira, mas voltou para casa muito desconcertado e entristecido. Para a sua desdita, ele contou à irmã como o

⁵ Antiga medida russa de comprimento, igual a 71 cm. (N. do T.)

feroz animal fora com ele "carinhosamente" e como, afundando-se no buraco, por entre os galhos, ele se sentara lá no fundo e, enclavinando as patas dianteiras como mãos, pusera-se a gemer, como se chorasse.

Khrapon revelou a Anna que fugira correndo do buraco para não ouvir os gemidos lastimosos de Sganarel, porque estes eram aflivos e insupportáveis ao seu coração.

— Graças a Deus — acrescentou — que são outras pessoas, e não eu, que terão de disparar sobre ele, se conseguirem vencer os cães. Se a ordem fosse dada a mim, eu aceitaria quaisquer torturas, mas não atiraria nele pelo que quer que fosse.

VIII

Anna contou-nos isso, e nós o contamos a Kolberg, e ele, querendo divertir o meu tio, narrou-lhe o acontecido. O meu tio escutou-o e disse: "Bravo esse Khrapochka", e bateu as palmas três vezes.

Isso significava que queria a presença do seu camarheiro Ustin Petróvitch, um velhote dos franceses prisioneiros de 1812.⁶

Ustin Petróvitch, ou Justin, apareceu com a sua casquinha lilás limpinha, de botões de prata, e o meu tio deu-lhe a ordem de que, no dia seguinte, o do sacrifício de Sganarel, no esconderijo secreto com Flegont, famosíssimo atirador que nunca falhara um tiro, também fosse postado Khrapochka. Ele, pelo jeito, queria divertir-se às custas da difícil luta dos sentimentos do pobre moço. Se este não disparasse sobre

⁶ Nesse ano, as tropas de Napoleão haviam invadido a Rússia, sendo em seguida expulsas. Muitos prisioneiros franceses permaneceram no país. (N. do T.)

Sganarel ou errasse de propósito o tiro, pagaria caro por isso, Sganarel seria morto por um segundo disparo, de Flegont, que não falhava jamais o alvo.

Ustin fez-lhe uma reverência e foi transmitir a ordem, enquanto nós, crianças, compreendemos que atrairamos uma desgraça e que em toda aquela história havia algo terrivelmente grave, e que só Deus sabia como aquilo terminaria. Depois disso, não conseguiram entreter-nos como deviam nem a deliciosa ceia de Natal, que se realizou no lugar do almoço, "sob as estrelas",⁷ nem os hóspedes chegados para pernoite, alguns dos quais com crianças.

Sentíamos pena de Sganarel e pena também de Khrapon, e nem conseguíamos saber de qual dos dois tínhamos mais pena.

Nós dois, eu e o meu primo, viramo-nos e reviramo-nos nas nossas caminhas. Adormecemos tarde, dormimos mal e gritamos algumas vezes porque nos aparecia o urso em sonhos. Quando a ama nos acalmava, dizendo que não tínhamos por que temê-lo, já que ele estava no fosso e seria morto no dia seguinte, eu era tomado por uma inquietação ainda maior.

Eu até pedi à ama uma explicação: será que eu não podia rezar por Sganarel? Mas tal pergunta estava acima dos conhecimentos religiosas da velhinha, e ela, entre bocejos, a fazer o sinal da cruz sobre a boca, respondia que daquilo não sabia decididamente nada, já que nunca o perguntara ao sacerdote, mas que os ursos eram também criaturas de Deus e haviam navegado na arca com Noé.

Pareceu-me que a menção do fato da navegação na arca permitia supor que a infinita misericórdia divina não se limitaria

⁷ Na véspera do Natal, as pessoas abstinham-se de alimento até o anoitecer, ou seja, até o surgimento da primeira estrela no céu. Durante o inverno russo, a escuridão cai às quatro horas da tarde. (N. do T.)

tava às pessoas e estendia-se também a todas as outras crianças, e eu, com a minha crença de criança, ajoelhei-me na minha cama e, de rosto enterrado no travessão, pedi à grandeza divina que não se ofendesse com o meu ardente pedido e tivesse compaixão de Sganarel.

IX

Chegou o dia de Natal. Todos nós vestimos roupa de gala e fomos, em companhia dos preceptores e governantas, tomar chá. No salão, para além dos numerosos parentes e hóspedes, encontrava-se o clero: um sacerdote, um diácono e dois sacristãos.

Quando o meu tio entrou, os quatro puseram-se a entoar o "Cristo nasceu". Depois, bebeu-se chá, logo depois comeu-se um pequeno desjejum e às duas horas serviu-se, adiantado, o almoço festivo. Estava marcada para imediatamente após o almoço a ida ao fosso de Sganarel. Não se podia demorar, pois em dezembro escurece cedo, e na escuridão, a caça é impossível e o urso poderia facilmente sumir de vista. Fez-se tudo conforme o planejado. Diretamente da mesa fomos levados para o quarto para mudarmos de roupa, pois os adultos nos levariam consigo. Vestimos os nossos sobretudo de pele de lebre e botas feitas de lã de cabra, com solas redondas, e fomos mandados ocupar os nossos lugares nos trenós. Ao pé dos portões da casa, de ambos os lados, havia muitos trenós compridos e largos, para três pessoas, cobertos com tapetes bordados, e ainda ali dois palafreiros seguravam pela rédea a égua alazã inglesa do meu tio, chamada Schegolikhá.⁸

⁸ Elegante, carita. (N. do T.)

O meu tio estava à testa do cortejo. Deram-lhe o gorro de pele de guaxinim, e assim que ele montou na sela, coberta por uma pele negra de urso e ricamente adornada, todo o nosso imenso comboio partiu, e, dez ou quinze minutos depois, chegamos ao lugar e formamos um semicírculo. Todos os trenós dispuseram-se meio de lado para um vasto e plano campo coberto de neve, cercado por uma fileira de caçadores montados, e fechado ao fundo pela floresta.

Bem ao pé da orla dela, foram feitos esconderijos atrás dos arbustos, e neles deveriam ficar Hlegont e Khrapochka.

Tais esconderijos estavam camuflados, e alguns adivinhavam-se somente pelos quase imperceptíveis apoios para arma, de onde deveriam apontar e disparar sobre Sganarel.

O fosso, em que o urso estava, era também imperceptível, e nós a contragosto examinávamos os belos cavaleiros, que levavam ao ombro um armamento variado mas belo: havia Strabus suecos, Morrenrat alemães, Mortimers ingleses e Koletas de Varsóvia.

O meu tio estava montado, à frente da fileira. Deram-lhe a trela de duas ferocíssimas "sanguessugas", e puseram-lhe sobre a sela um lenço branco.

Os cães novos, para cuja prática o culpado Sganarel fora condenado a morrer, estavam em grande número e todos comportavam-se de modo presunçoso e manifestavam ardente impaciência e falta de domínio de si. Ganiam, latiam, saltavam e emaranhavam-se nas trelas, em torno dos cavalos, montados por cavaleiros uniformizados, e estes davam continuamente estalos com os seus longos látigos de caçadores, para imporem obediência aos cães novos, que estavam fora de si de impaciência. Tudo isso fervia da vontade de lançar-se à fera, cuja presença os cães haviam descoberto com seu agudo faro inato.

Chegou o momento de tirar Sganarel do fosso e entregá-lo ao esquartejamento!

O meu tio fez acenos com o lenço branco e disse: "Vamos a isso!"

X

Do grupo de caçadores, que compunham o estado-maior do meu tio, destacaram-se uns dez e avançaram pelo campo. A uns duzentos passos, pararam e puseram-se a levantar da neve um tronco não muito grosso, até então invisível a nós a distância.

Isso transcorria bem junto do fosso onde estava Sganarel, mas também a ele não víamos, da nossa distante posição. Levantaram o tronco e introduziram uma sua extremidade no fosso. Ele foi baixado com uma inclinação tal, que a fera pudesse sair sem dificuldade por ele, como por uma escada.

A outra ponta do tronco ficou apoiada na beira do fosso e sobressaía um *archin* dele.

Todos os olhares estavam dirigidos para essa operação preliminar, que nos aproximava do momento mais interessante. Esperava-se que Sganarel viesse para fora imediatamente, mas ele, pelo visto, sabia do que se tratava e não saía por nada.

Teve início a sua coação com bolotas de neve e agulhadas, ouviu-se um ronco, mas a fera não saiu do fosso. Resoaram alguns disparos com balas de festim, dirigidos ao interior do fosso, mas Sganarel apenas rosnou mais zangado e continuou sem mostrar-se.

Foi então que de algum lugar de trás do cordão de isolamento, partiram a toda a velocidade trenós de transporte de esterco, carregados de palha seca de centeio e puxados por um cavalo.

O cavalo era alto, magro, um dos que se utilizavam no

curral para o transporte de forragem da cria coberta, mas de cauda levantada e crina eriçada, apesar da sua velhice e macieza. Era difícil, no entanto, determinar: era o seu vigor do momento resquício da sua antiga intrepidez da mocidade ou, mais provavelmente, produto do medo e do desespero, suscitados a um cavalo velho pela presença de um urso? Pelo visto, a última coisa tinha maior probabilidade, porque no cavalo, além dos freios de ferro, ainda haviam posto um cordel cortante, que já lhe desfigurara em sangue os beiços acinzentados. Ele voava e arremessava-se para os lados de modo tão desvaído, que o palafreiro, ao mesmo tempo, puxava-lhe a cabeça para cima com uma corda e, com a outra mão, açoitava-o impiedosamente com grosso látigo de correia.

Mas, fosse lá o que fosse, dividiu-se a palha em três montes, e estes foram acendidos dum só vez e atirados dum só vez dos três lados no fosso. Fora das chamas, ficou somente o lado de onde sobressaía o tronco.

Ressoou um rugido doído ensurdecedor, como que misturado com um gemido, mas... o urso, apesar de tudo, não se mostrou...

Até ao nosso cordão veio voando o rumor de que Sganarel "se queimara" todo e que cobrira os olhos com as patas e estendera-se ao comprido, cosendo-se ao chão, e, assim, era impossível "tirá-lo do lugar".

O cavalo de trabalho no curral, com os beiços despedaçados, disparou de novo, a galope, para trás... Todos pensaram que fosse para mais um carregamento de palha. Entre os espectadores ouviu-se um murmúrio de censura: por que os responsáveis pela caçada não haviam pensado antes em abastecer-se sobejamente de palha? O meu tio estava zangado e gritava algo que eu não conseguia distinguir em meio ao rebuliço levantado entre as pessoas e ao ganido, a cada vez mais alto, dos cães e os estalos dos látigos dos cavaleiros.

A fera

Nikolai Leskov

Mas, em tudo isso, via-se desordem e havia, no entanto, alguma ordem, e o cavalo de trabalho no curral, de novo, voava já como um possesso, a bufar, de volta ao fosso, onde se encontrava Sganarel, mas não com palha: no trenó, agora, ia Ferapont.

A ordem colérica do meu rio fora que baixassem Khrapochka ao fosso e ele próprio tirasse dali o seu amigo para o sacrifício...

XI

E eis Ferapont à borda do fosso. Ele parecia muito perturbado, mas agia com firmeza e decisão. Sem opor nem a menor resistência à ordem do senhor, ele apanhou a corda com que se prendera a palha ao trenó, ali levada um minuto antes, e atou uma ponta ao tronco, perto de um entalhe na sua parte superior. O resto da corda, ele o juntou nas mãos e, segurando-se por ele, começou a descer às arreguas pelo tronco ao fosso...

O rugido terrível de Sganarel cessou e substituiu-se por um rosnar surdo.

A fera como que se queixava ao amigo do tratamento cruel da parte das pessoas; mas também esse rosnar substituiu-se pelo completo silêncio.

— Abraçou o Khrapochka e está a lambê-lo — gritaram da borda do fosso.

Do grupo acomodado nos trenós, vários suspiraram, outros franziram o cenho.

Muitos começaram a sentir pena do urso, e a caçada a eles, pelo visto, não lhes prometia grande satisfação. Mas as fugazes impressões descritas foram de repente interrompidas por novo acontecimento, ainda mais inesperado e carregado de nova comoção.

Da abertura do fosso, como que do Hades, surgiu a cabeça de Khrapochka, com o gorro redondo de caçador sobre os cabelos encarcacolados. Ele subia do mesmo modo como descera, isto é, com os pés sobre o tronco, segurando na corda firmemente presa por uma ponta do lado de fora. Mas Ferapont não saía sozinho: abraçado fortemente a ele, com a grande pata peluda deitada no seu ombro, saía também Sganarel... O urso estava de mau humor e de aspecto nada arreante. Maltratado e esgotado, aparentemente não tanto pelo sofrimento corporal, quanto pelo grave abalo moral, ele lembrava imensamente o rei Lear. De esguelha, fuscavam-lhe os olhos, injetados de sangue e cheios de ira e indignação. Tal qual Lear, ele estava eriçado, queimado em alguns pontos do corpo e, em outros, negalhos de palha haviam-lhe aderido ao pelo. Além disso ainda, como aquele infeliz rei, Sganarel, por um acaso assombroso, conservara a si algo como uma coroa. Talvez por amar Ferapont, ou talvez até por acaso, ele trazia apertado na axila o chapéu que Khrapochka lhe dera e com o qual o empurrara a contragosto para o fosso. O urso conservara essa oferenda, e... agora, que o seu coração encontrara momentânea pacificação no abraço do amigo, ele, assim que pôs os pés no chão, tirou imediatamente o chapéu amarfanhado do sovaco e colocou-o no cocuruto...

Essa graça fez muitos rirem, mas a outros, em contrabalanço, foi doloroso vê-la. Alguns até voltaram apressadamente as costas à fera, a quem dali em seguida sobreviria um terrível fim.

XII

Enquanto acontecia tudo isso, os cães puseram-se a uivar e a agitar-se tanto, que se tornou impossível dominá-los. Nem o látego exercia já sobre eles o seu efeito coibidor. Os

cães mais jovens e as sanguessugas velhas, ao verem Sganarel, alçaram-se sobre as patas traseiras; com uivos e roncos roufenthos, sufocavam nas suas coleiras de couro não curtido; nesse mesmo instante, Khrapochka voava já no tremo puxado pelo cavalo magro, de volta ao seu esconderijo, que ficava na orla da floresta. Sganarel ficou novamente sozinho e sacudia impacientemente a pata; nesta acidentalmente se enlaca a corda, que fora atirada por Khrapochka e estava arada ao tronco. A fera, pelo visto, queria desembaraçá-la logo ou rompê-la e alcançar o seu amigo, mas o urso, ainda que muito inteligente, tinha, ainda assim, a agilidade de um urso, e Sganarel, em lugar de soltá-la, apenas apertava ainda mais o laço na pata.

Vendo que as coisas não corriam como queria, Sganarel deu um puxão à corda para rompê-la, mas ela era forte e não rebentou, apenas o tronco saltou e ficou em pé no foso. Sganarel virou-se para olhar isso; nesse exato instante, duas sanguessugas soltas da matilha alcançaram-no, e uma delas, no embalo da carreira, cravou-lhe os dentes agudos no lombo.

Sganarel estava tão entretido com a corda, que não esperava por isso e, no primeiro momento, parece que nem tanto se zangou, quanto se admirou de tamanho atrevimento; mas em seguida, após meio segundo, quando a sanguessuga afoxxou a mordedura para enterrar mais fundo os dentes, ele a arrancou de si e lançou-a bem longe e com a barriga aberta. Sobre a neve ensanguentada caíram imediatamente as entranhas do cão, ao passo que o outro, naquele mesmo instante, era esmagado por uma pata traseira do urso... Mas o que era mais terrível e inesperado do que tudo era o que acontecera ao tronco. Quando Sganarel fizera um movimento vigoroso com a pata para lançar de si a primeira sanguessuga, com esse mesmo movimento ele arrancara do foso o tronco, fortemente preso à corda, e este agora cortava o ar

como uma hélice. Com a corda retesa, ele pusera-se a girar em torno de Sganarel como em torno de um eixo, e, a riscar a neve com uma extremidade, já no seu primeiro giro despedaçou nem um nem dois, mas um bando inteiro de cães, que haviam arremetido, e deixou-os espalhados pelo chão. Uns deles saltaram um grito agudo e ficaram a debater-se sobre a neve, enquanto outros, do mesmo modo como caíram às cambalhotas, estenderam-se sobre aquela.

XIII

A fera ou era esperta demais para não compreender de que boa arma dispunha, ou a corda enrolada na sua pata cortava esta dolorosamente, mas o fato é que ela apenas soltou um bramido e, com a corda cingida na própria pata, deu uma sacudida tão forte na madeira, que esta se alçou e se estendeu numa linha horizontal como prolongamento do braço que segurava a corda e pôs-se a zunir como um pão cozido, solto com muita força. Tudo o que fosse atingido por ele, devia sem falta fazer-se em cacos. Já se a corda se verificasse não suficientemente forte em algum ponto da sua extensão e rebentasse, então o tronco solto, no seu voo em direção centrífuga, iria para longe, sabe-se lá até a que lonjura, e arrastaria com todas as coisas vivas que encontrasse no seu caminho.

Todos nós, pessoas, todos os cavalos e cães, na linha do cerco, estávamos em terrível perigo, e cada um, evidentemente, desejava que, para a conservação da sua vida, a corda, na qual Sganarel girava a sua funda colossal, fosse forte. Mas qual fim podia ter tudo aquilo? Ninguém, a propósito, quis esperar para vê-lo, a não ser alguns caçadores e os dois atiradores postados em covas ocultas na orla da floresta. Todas as demais pessoas, isto é, todos os hóspedes e homens de

o animal espantado; sabe-se que não pode viver.

família, que haviam ido àquele passatempo na qualidade de espectadores, não achavam já a menor graça no acontecido. No susto, todos haviam possível para longe do perigoso local lomar o mais depressa possível, atrapalhando e ultrapassando uns e, em terrível desordem, atrapalhando e ultrapassando uns aos outros, foram para casa a toda brida.

Na fuga apressada e desordenada, houve várias colisões no caminho, várias quedas, um pouco de riso e não poucos sustos. Aos caídos dos trenós pareceu que o tronco se soltara da corda e assobiava, voando pouco acima das suas cabeças, e que os perseguia a fera enfurecida.

Mas os hóspedes, ao chegarem à casa do meu tio, puderam acalmar-se e recompor-se; já os poucos que haviam ficado no local da caçada, viram algo ainda mais terrível.

XIV

Não se podia soltar nenhum cão em perseguição a Sganarel. Estava claro que, pela terrível arma de madeira, ele podia vencer toda a grandiosa quantidade de cães sem o menor dano para si. O urso, a girar o seu tronco e ele próprio a virar com ele, rumava diretamente para a floresta, e a morte aguardava-o somente aqui, ao pé do esconderijo secreto, no qual estavam Ferapont e Flegont, o atirador infalível.

A bala certaíra podia pôr fim a tudo sem risco e sem falha.

Mas o Destino protegia Sganarel admiravelmente e, uma vez havendo-se envolvido no caso da fera, como que queria salvá-lo, custasse o que custasse.

Nesse preciso minuto, quando Sganarel se abeirava dos esconderijos de onde sobressaíam os canos dos fuzis de caça Kouchenhoeter de Ferapont e Flegont, para ele apontados, a corda, preso pela qual girava o tronco, inesperadamente rom-

peu-se e... qual flecha lançada por um arco, voou para um canto, e o urso, desequilibrado, caiu e rolou aos trambolhões para outro.

Diante dos que haviam permanecido no campo, formou-se um novo quadro, vivo e terrível: o tronco deitou por terra os apoios das armas e todo o esconderijo de Flegont, e, em seguida, havendo-o ultrapassado, enterrou-se com a outra extremidade num montão de neve distante. Sganarel também não perdeu tempo. Com três ou quatro cambalhotas, venceu o montão de neve de Khrapochka...

Sganarel reconheceu-o imediatamente, soprou nele o bafo da sua goela quente, quis lambê-lo, mas, de repente, do outro lado, o de Flegont, retumbou um tiro, e... o urso escapuliu para a floresta, e Khrapochka... caiu sem sentidos.

Levantaram-no e examinaram-no: uma bala atravessara-lhe a mão, mas na ferida havia também um pouco de pelo do animal.

Flegont não perdeu o título de melhor atirador, mas ele atirara à pressa de um fuzil pesado, sem apoio que lhe permitisse fazer pontaria. Para além disso, escurcia já e o urso e Khrapochka estavam juntos demais...

Em tais condições, também esse tiro falhado devia considerarse notável.

No entanto, Sganarel safara-se. Perseguiu-lo pela floresta, naquela mesma noite, era impossível; em relação à manhã seguinte, a cabeça daquele cuja vontade era lei para todos os que se encontravam ali, fora iluminada por uma disposição completamente diferente.

XV

O meu tio voltou depois do término da infeliz caçada descrita. Ele estava mais colérico e áspero do que normal-

A fera

mente. Antes de appear da égua junto ao alpendre, ordenou: no dia seguinte, mal raiasse o sol, procurar rastros do urso e cercá-lo de tal maneira que não pudesse fugir.

Uma caçada, corretamente conduzida, devia dar resultados bem diferentes.

Em seguida, ficou-se à espera de instruções acerca do ferido Khrapochka. Ele era pelo menos culpado por não haver cravado o punhal de caçador no peito de Sganarel, já que este estivera bem ao seu lado e o deixara totalmente ileso nos seus braços. Mas, além disso, havia suspeitas fortes e plenamente fundamentadas de que Khrapochka usara de um ardilmente fundamental de propósito não quisera levantar a mão e, no minuto fatal, de propósito não quisera fugir.

contra o seu amigo peludo e deixara-o fugir.

A mútua amizade de Khrapochka e Sganarel, conhecida de todos, dava muita probabilidade a essa conjectura.

Assim pensavam todos os participantes da caçada, e no mesmo tom, agora, conversavam todos os hóspedes.

De ouvidos atentos às conversas dos adultos, que se haviam reunido, pelo beirar do anoitecer, na sala grande, onde a essa hora fora aceso para nós um pinheirinho ricamente adornado, compartilhávamos com eles tanto as suspeitas gerais, quanto o medo de todos a respeito do que podia esperar Ferapont.

Primeiramente, no entanto, da ante-sala, que o meu tio, indo do alpendre, atravessou em direção à sua "metade", ao nosso salão chegou o rumor de que em relação a Ferapont não havia nenhuma ordem.

— Boa coisa queria aquilo dizer, no entanto, ou não? — murmurou alguém, e esse murmúrio, em meio ao pesado desalento geral, bateu de encontro à porta de cada coração.

Ouviu-o também o pai Aleksiéi, o velho sacerdote da aldeia, com uma cruz de bronze do ano doze. O velho também suspirou e no mesmo murmúrio disse:

— Orai ao Cristo nascido.

Com isso ele próprio e todos quantos ali estavam, adultos e crianças, todos nós imediatamente nos benzemos. E não foi sem tempo. Não baixáramos nós as mãos, quando as portas se abriram largamente e entrou, com um bastãozinho na mão, o meu tio. Acompanhavam-no os seus dois galgos preferidos e o seu camareiro Justin. Este seguia atrás e carregava, num prato de prata, o seu lenço branco de fumar e uma tabaqueira redonda com o retrato do tsar Pável I.

XVI

A poltrona funda e de espaldar alto do meu tio fora colocada sobre pequena alcatifa persa, ao pé do pinheirinho enfeitado, no meio do salão. Ele sentou-se calado nela e calado apanhou o seu lenço de fumar e a tabaqueira das mãos de Justin. Aos seus pés deitaram-se e estenderam os longos focinhos ambos os cães.

Ele vestia um cafetã curto azul escuro, de seda, com fechos bordados com ponto cheio, ricamente adornados de fivelas brancas de filigrana com uma grande turquesa. Nas mãos estava o seu bastão de legítima cerejeira do Cáucaso, fino mas forte.

O bastão era-lhe, agora, muito necessário porque, no meio do rebuliço, ocorrido naquela tarde, a magnificamente adestrada Schegolikhá também não conservara a intrepidez — saltara para o lado e comprimira dolorosamente a perna do seu montador contra uma árvore.

O meu tio sentia forte dor nessa perna e até mancava um pouco.

Essa nova circunstância, claro está, também não podia acrescentar nada de bom ao seu coração irritado e colérico. Além disso, fora também ruim o fato de que todos nós nos calamos à sua aparição. Como todas as pessoas desconfiadas,

ele não tolerava isso; e o pai Aleksiei, que o conhecia bem, apressou-se, o melhor que pôde, a remediar a situação, apelas para quebrar aquele maligno silêncio.

Tendo o nosso grupo de crianças perto de si, o sacerdote fez-nos uma pergunta: percebíamos o sentido do cântico "Cristo nasceu"? Verificou-se que não apenas nós, mas até os mais velhos compreendiam mal esse cântico. O sacerdote pôs-se a clarificar-nos as palavras "glorificai", "recebei" e "elevai-vos", e, ao chegar ao significado desta última palavra, ele próprio elevou-se tanto no pensamento quanto no coração. Entrou a falar da *dádiva*, que tanto então, quanto "no tempo dele", todo o pobre podia depor na manjedoura do menino nascido, com mais determinação e mais dignidade do que ofereciam os magos da Antiguidade ouro, mirra e ládano. Essa dádiva nossa é o nosso coração, corrigido pelo seu ensinamento. O velho falou do amor, do perdão, do dever de cada um consolar o amigo e o inimigo "em nome de Cristo...". E quero crer que a sua palavra, naquela hora, foi mais vincente... Todos compreendíamos aonde ela queria chegar, todos a escutávamos com um sentimento especial, como que a orar para que essa palavra atingisse a sua meta, e nos cífios de muitos de nós tremiam lágrimas boas.

De repente, algo foi ao chão... Era o bastão do meu tio... Apanharam-lho, mas ele não o tocou: estava sentado, inclinado de lado, com uma mão descaída da poltrona, e nela, como que esquecida, estava a grande turquesa do fecho... Ele deixou-a cair, também, e... ninguém correu a levantá-la.

Todos os olhares estavam dirigidos para o seu rosto. Acontecia algo admirável: *ele chorava!*

O sacerdote apartou suavemente as crianças e, ao chegar perto do meu tio, abençoou-o em silêncio com a mão.

Aquele levantou o rosto, segurou a mão do velho e inesperadamente beijou-o diante de todos e proferiu baixinho:

— Obrigado.

Nesse minuto, ele lançou um olhar a Justin e mandou que chamassem Ferapont.

Este apresentou-se pálido, com a mão enfatxada.

— Anda cá! — ordenou-lhe o meu tio e com a mão apontou o tapete.

Khrapochka abeirou-se e caiu de joelhos.

— Levanta-te... ergue-te! — disse o meu tio. — Eu te

perdoô.

Khrapochka atirou-se de novo aos seus pés. O meu tio

começou a dizer em voz nervosa, comovida:

— Tu amaste um animal como nem toda a gente consegue amar uma pessoa. Tu me comoveste com isso e supere

rase-me em magnanimidade. Concedo-te uma graça: dou-te a liberdade e cem rublos para o caminho. Vai para onde

quiseres.

— Agradeço, mas não irei para lugar nenhum.

— Que?

— Não irei para lugar nenhum.

— Que é que queres?

— Pela vossa graça e com a minha liberdade, eu vos

quero servir com mais honra do que a contragosto e por

medo.

O meu tio piscou os olhos, com uma mão levou a eles

o seu lenço branco de fular, e, inclinando-se, com a outra

abraçou Ferapont, e... todos nós compreendemos que devíamos

levantar-nos dos nossos lugares, e também fechamos os

olhos... Era suficiente para sentirmos que ali baixara a glória

de Deus altíssimo e, em nome de Cristo, o mundo se encherá

de aromas, expulsando o rude medo.

Isso teve reflexo também na aldeia, aonde foram enviados

caldeirões de braga.⁹ Acenderam-se alegres fogueiras, o

que

⁹ Velha bebida russa, de baixo teor alcoólico e sabor semelhante ao da cerveja. (N. do T.)

contentamento estava em todos, e as pessoas diziam umas para outras, em tom de brincadeira:

— Aqui agora está dum jeito que até os animais, no silêncio, glorificam a Cristo.

Contra Sganarel não se empreendeu nada. Ferapont, tal como lhe fora dito, obteve a alforria, logo substituiu o bém fiel amigo do meu tio e foi não apenas criado fiel, senão também as suas mãos os olhos ao meu tio e ele próprio o enterrou no cemitério moscovita Vagánskoié, onde até hoje está intacta a sua lápide. Ali também, aos seus pés, jaz Ferapont.

Não há já quem lhes leve flores, mas, nos lugares mais miseráveis de Moscou, existem pessoas que se lembram de um velho comprido de cabeça branca, que como por milagre conseguia saber onde estava a verdadeira dor e conseguia chegar ali a tempo ou enviava o seu amigo de olhos saltados e mãos nunca vazias.

Esses dois bons sujeitos, de quem ainda se poderia falar muito, eram o meu tio e o seu Ferapont, a quem o velho chamava, de brincadeira, *amansador de feras*.

7. O PAPAIO

1

A minha mãe estava na casa de N... Hoje eu não sei a casa de mad... nha uma at... barranco d... gila verme... to, no qu... verão, so... dias, cor... tiam. Is... seguia